

O melhor bacon da Terra: o ritmo narrativo da série “O Urso”¹

Leandro Gilberto da Silva Júnior
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Resumo

Este artigo apresenta um estudo sobre o ritmo narrativo na terceira temporada da série "O Urso" (The Bear), a partir de uma análise crítico-teórica baseada em observações da recepção do público e da crítica especializada. O objetivo é compreender de que forma os elementos narrativos da temporada - especialmente a estrutura temporal e o desenvolvimento de personagens - impactaram na percepção de lentidão da narrativa. Com base em teorias de narrativa audiovisual e ritmo dramático, foram analisados dois episódios-chave da temporada, além de críticas e comentários dos canais do YouTube Isabela Boscov, Série Maníacos e Entre Migas. Conclui-se que a terceira temporada da série adota um ritmo contemplativo, com foco em cenas silenciosas e estrutura não linear, provocando uma divisão entre as expectativas do público e as intenções estéticas.

Palavras-chave

O Urso, ritmo narrativo, série de televisão, recepção do público, narrativa audiovisual

1. Introdução

A televisão contemporânea, impulsionada pelas plataformas de streaming, elevou o status das séries ao patamar de produtos artísticos complexos e socialmente relevantes. A aplicação do streaming na produção de conteúdo audiovisual se intensificou durante a pandemia da COVID-19, com início em 2020. De acordo com pesquisa da Kantar IBOPE Media (2021), 58% dos usuários de internet disseram que viram mais vídeo e TV online em streaming pago durante os períodos de isolamento. A revista Forbes Brasil (2021) diz que, no Brasil, o tempo em frente à televisão aumentou 37 minutos diários e cada indivíduo passou cerca de 1h49 por dia assistindo a conteúdos em plataformas de streaming. Com aglomerações proibidas e serviços culturais pausados - como é o caso do cinema físico -, a internet se tornou a nova casa principal de produções audiovisuais; as séries, que já eram prioritariamente veículos culturais vistos em casa, ganharam reconhecimento como os filmes, que antes tomavam conta desse espaço quase que exclusivamente.

"O Urso" (The Bear, 2022), criada por Christopher Storer, é uma série dramática, ambientada em uma cozinha de restaurante em Chicago, que ganhou destaque por seu realismo, atuações intensas e montagem dinâmica. Com uma recepção amplamente positiva em suas duas primeiras temporadas, a terceira temporada (lançada em 2024) gerou divisão de opiniões ao adotar um ritmo narrativo mais lento, introspectivo e experimental. Este artigo analisa o ritmo dessa temporada à luz de teorias narrativas e da recepção do público. Para tanto, considera-se não apenas o conteúdo ficcional da obra, mas também os contextos de circulação crítica, modos de produção, e transformações nos padrões de consumo audiovisual.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2. A Série “O Urso” e sua Repercussão

Lançada originalmente pelo Hulu, em parceria com o canal FX, "O Urso" chamou a atenção por retratar de forma realista o ambiente caótico e intenso de uma cozinha profissional. O protagonista Carmen "Carmy" Berzatto herda um restaurante após o suicídio do irmão e tenta revitalizá-lo com o apoio de uma equipe diversa. As duas primeiras temporadas foram elogiadas pela crítica e acumularam prêmios, incluindo diversos Emmys. A terceira temporada, objeto deste estudo, opta por um tom mais introspectivo, que provocou respostas contrastantes. A repercussão dividida está ligada ao rompimento com certas expectativas narrativas, sobretudo em relação à progressão dramática tradicional. O sucesso da série se apoia também na profundidade dos personagens e no modo como os temas da saúde mental, da culpa, da memória e do trauma são articulados com elementos formais do audiovisual, como montagem e som.

3. Referencial Teórico

O ritmo narrativo é compreendido, segundo Laura Schellhardt (2008), como a velocidade com que a história é contada, influenciada pela duração das cenas, movimentação dos personagens e entrega de informações. Francisco García a García e Pedro Javier Gómez Martínez (2009) apontam a relação entre núcleos narrativos e trama como elemento fundamental para o fluxo narrativo. Yves Reuter (2002), ao reinterpretar Roland Barthes (1966), identifica relações cronológicas, lógicas e hierárquicas como estruturantes da narrativa. Já Philippe Hamon (1972) propõe uma classificação de personagens por sua funcionalidade, qualificação e distribuição. Esses conceitos são fundamentais para que este artigo consiga compreender como “O Urso” estrutura seus episódios de forma a desafiar convenções e trabalhar nuances emocionais. A obra trabalha com o que Reuter (2002) chama de "efeito de real", onde eventos banais e cotidianos ganham peso simbólico por meio de sua representação repetida e fragmentada.

4. Metodologia

A pesquisa utiliza abordagem qualitativa com foco em análise textual e análise de recepção. Ela está dividida em três frentes: (1) levantamento e análise de críticas audiovisuais e comentários do público nos canais Isabela Boscov, Série Maníacos e Entre Migas; (2) análise teórica dos conceitos de ritmo e estrutura narrativa; (3) análise detalhada dos episódios 3x01 ("Amanhã") e 3x10 ("Para Sempre"), observando a construção de cenas, uso de diálogos, silêncios, montagem, trilha sonora e evolução dramática. A seleção desses episódios se justifica por representarem o início e o encerramento da temporada, respectivamente, e concentrarem os principais recursos narrativos empregados. A estratégia metodológica baseia-se na articulação entre os elementos formais da narrativa e sua recepção cultural, evidenciada tanto em discursos especializados quanto em comentários espontâneos.

5. Críticas e Recepção do Público

A terceira e mais recente temporada durante a confecção desta pesquisa, reconhecida por parte do público como a temporada mais experimental de todas, foca nas relações construídas entre os protagonistas, além de voltar ao passado em alguns momentos para fortalecer os personagens como peças fundamentais da narrativa. A relação de trabalho de Carmy e Sydney está cada vez mais difícil e o protagonista continua enfrentando dificuldades quanto à sua saúde mental. No terceiro ano da obra, a

comédia é quase toda deixada para os irmãos Fak, e personagens como Richie e Natalie confrontam dilemas pessoais como casamento, paternidade e maternidade.

Essa união de nuances, que diferencia a temporada das demais, resultou em uma recepção crítica dividida. Isabela Boscov criticou a autocomplacência da série e a falta de dinamismo narrativo, classificando a temporada como reflexiva em excesso. Ela considerou o primeiro episódio excessivamente lento e o humor com os irmãos Fak como dispensável. Por outro lado, o canal Série Maníacos, representado por Michel Arouca, elogiou a sofisticação narrativa e técnica, enxergando o episódio de estreia como “uma aula de dramaturgia premium”. O canal Entre Migas apresentou uma posição intermediária: reconheceu o refinamento técnico da obra, mas apontou um distanciamento emocional provocado pelo ritmo contemplativo. Nos comentários dos vídeos analisados, observa-se que parte do público defende a lentidão como um reflexo da complexidade emocional dos personagens. Muitos enxergam a temporada como um intervalo necessário para o aprofundamento psicológico antes de novas tensões externas. Outros, contudo, manifestam frustração pela ausência de clímax ou resoluções visíveis, interpretando a lentidão como falta de conteúdo narrativo. A discussão sobre ritmo é, nesse sentido, uma discussão sobre expectativas culturais. A predominância de narrativas aceleradas em plataformas digitais, com foco em resolução e impacto imediato, parece contrastar com a proposta da série.

6. Construção dos Personagens segundo Philippe Hamon (1972)

Segundo Hamon (1972), os personagens podem ser classificados por critérios como funcionalidade, profundidade e frequência de aparição. Carmy é o protagonista multifacetado, presente em quase todas as cenas, com densidade dramática e complexidade psicológica. Sydney, braço direito técnico, representa o contraponto racional. Richie evolui de figura cômica para elemento emocionalmente relevante. Natalie (Sugar), Marcus, Tina e os irmãos Fak cumprem funções específicas na dinâmica do restaurante. Michael, ainda que ausente fisicamente, permanece como sombra narrativa, mobilizando ações e memórias. O efeito de centralidade de Carmy não apaga a polifonia dramática presente na série: há uma constante alternância entre pontos de vista, mesmo que a câmera permaneça atrelada ao protagonista.

7. Análise dos Episódios “Amanhã” e “Para Sempre”

Os episódios serão analisados pela comparação dos pontos trazidos nas teorias estudadas com a construção desses capítulos. Essas ideias descritas previamente serão utilizadas na análise dos episódios 3x01 e 3x10. O critério de escolha desses episódios para análise está de acordo à discussão muito fomentada de “a história não anda” e “os personagens não saíram do lugar” (vide a escolha de analisar o primeiro e o último episódio da temporada). Além disso, como exemplo, o primeiro episódio foi alvo de muitas críticas, positivas e negativas, incluindo a de que ele “resume bem o tom da temporada”, comentário catalogado na análise dos vídeos. Por fim, a escolha de primeiro e último capítulo também permite observações sobre o arco da temporada em si, como um produto dentro da grande escala da série.

O episódio de início de temporada do terceiro ano de “O Urso” foi recebido, como catalogado, como um episódio contemplativo e experimental. Ele é um capítulo com pouquíssimas falas, em que as cenas mudam rapidamente de uma para a outra, e que é construído em duas linhas do tempo diferentes - isto é, de uma maneira não linear. As primeiras cenas do episódio são uma coletânea de paisagens de Chicago, lugar onde

Carly está no presente da história e estava antes de se mudar para Nova York (antes da série começar) quando seu irmão ainda estava vivo.

Não existe uma ordem exata (ou pelo menos a pesquisa não conseguiu perceber) que justifique a aplicação das relações hierárquicas de Reuter (2002) nas cenas do episódio, visto que, na história que o episódio quer contar, todas as cenas são igualmente importantes para a sua não linearidade.

Durante o episódio, as cenas são rápidas e de curta duração - ainda assim, a falta de falas na maioria delas pode significar uma maior vagareza no sentimento de que as cenas estão passando. Como Schellhardt (2008) traz, levando em consideração a definição do ritmo através da duração das cenas, do quão rápida a ação se move e da rapidez com que a audiência recebe informações, percebe-se: as cenas do episódio são curtas, o que, a um primeiro momento, poderia significar que o episódio ter muitas cenas diferentes significa que ele desenvolve muitas histórias diferentes (o que não é verdade, visto as duas linhas do tempo que cobrem primordialmente apenas dois grandes quadros: a adaptação de Carly à nova vida e a equipe lidando com a morte da mãe de Marcus). Mesmo com a troca rápida de cenas, a ação não se move rapidamente: primeiro, porque o espectador passa cerca de metade do tempo do episódio assistindo flashbacks; segundo, porque muitas dessas cenas são cortes de um mesmo momento maior.

García e Martínez (2009), que trazem núcleo como segmento de tom homogêneo a um segmento de ação concreto, poderiam dizer que, então, o episódio possui apenas dois núcleos, mesmo com a alta quantidade de cenas. O núcleo da equipe do restaurante lidando com problemas que os afetam enquanto pessoas e time (morte da mãe de Marcus) e o núcleo de Carly e da família lidando com sua mudança de cidade. A trama do episódio é, assim, colocada pelo assunto de grandes mudanças na vida, sejam elas dentro do controle de cada um ou fora dele. Os dois núcleos (e linhas do tempo) do episódio falam, de maneiras diferentes, sobre isso.

Retomando Schellhardt (2008) novamente e levando em consideração tom, tensão e ritmo da conversa, o episódio se constrói: 1 - em um tom sombrio, visto que a fotografia é escura, as histórias podem ser percebidas como “tristes” por lidarem com morte e saudade da família e os próprios personagens não estão emocionalmente bem; 2 - com uma alta tensão emocional nos personagens, que estão sofrendo (Marcus e Natalie) ou muito irritados (Carly); e 3 - com um ritmo de conversa muito carregado pelo silêncio, que, segundo Schellhardt (2008), pode ser tão efetivo quanto diálogo, se não mais.

Mesmo que as relações hierárquicas de cenas não sejam aplicadas na construção desse episódio, as relações lógicas e cronológicas de Reuter (2002) são necessárias para entender o ritmo do capítulo. Como ele traz em sua teoria, a quebra da linearidade de cenas pode dificultar o espectador a entender o ritmo narrativo - isto é, o episódio “Amanhã” é um episódio que não respeita essas relações cronológicas, o que pode ser a causa da crítica de algumas pessoas (como as catalogadas anteriormente) que percebem esse episódio como lento e/ou repetitivo. Além disso, para entender o porquê de cada cena, é fundamental que o espectador lembre bem das narrativas das temporadas anteriores, devido ao uso de flashbacks. “Por que Carly está se despedindo de Natalie?”, “Por que ele não tem suas tatuagens nas mãos?” e “Por que ele não está trabalhando com os chefs do restaurante dele?” são perguntas que foram respondidas em momentos anteriores na série. Isso conversa diretamente com as relações lógicas de cada cena apresentada no episódio em questão.

Quanto aos seis critérios para distinguir e hierarquizar personagens por Hamon (1972), a análise pode fazer uso de alguns deles para entender os personagens que mais aparecem (fisicamente ou tendo fortes relações com o assunto central) no episódio e que mais são mudados e moldados por ele: Carmy, Natalie e Marcus. Carmy ainda é o protagonista, o personagem que mais aparece e a força motriz da narrativa. Sua autonomia diferencial é alta no episódio, visto que a maioria das cenas foca em Carmy em um ambiente em silêncio ou conversando com algum outro personagem. No episódio, Natalie retrocede e volta à sua narrativa de “irmã do protagonista”, papel para representar a família que Carmy está deixando para trás. Em contrapartida, Marcus não aparece muito fisicamente, mas é o grande motivo da história do tempo presente e, por isso, cresce enquanto personagem central desse arco. Nesse momento da história, ele já não é mais uma possibilidade de romance para a personagem de Sydney, portanto, sua pré-designação convencional mudou.

Por fim, na análise do episódio 3x01, existem duas relações principais de começo e fim de episódio que podem ser desenhadas. No escopo do capítulo, isso significa que a história andou e as vidas dos personagens se adaptaram aos momentos que eles passaram. Nos momentos iniciais, a temporada mostra Carmy sendo humilhado por seu antigo chefe e mentor, que critica continuamente seus pratos. Em determinado momento do episódio, o mentor escreve “Subtrair” em um papel verde e o cola na mesa de trabalho de Carmy, para lembrá-lo que o ideal é retirar o exagero do prato, e não adicionar mais ingredientes. Posteriormente no episódio, na linha de tempo presente, o capítulo mostra Carmy criando os “não negociáveis” (assunto que viria a dar corpo a um dos episódios da temporada), referenciando-os com o mesmo papel verde que seu chefe utilizava. Isso pode significar que um dos principais pontos que Carmy enfrenta na temporada é que, na sua linha de trabalho, a excelência requer rigorosidade.

Entretanto, essa construção única de episódio também explica os reconhecimentos do público ligados à “vida real” e “intimidade”. A forma como ele foi feito permite uma discussão sobre assuntos difíceis da vida, com uma profundidade não esperada em uma série de episódios curtos, e que mostra aos espectadores que esses momentos de estagnação e “pouca ação” acontecem e precisam ser discutidos. A análise anterior dos comentários nos vídeos prova que esse intuito alcançou o público, mas ele se dividiu entre concordar com essa importância e acreditar que isso deixou a temporada massante.

O episódio final da temporada, Para Sempre (3x10), tem uma construção bem diferente do primeiro. Esse capítulo é linear, e mostra a história por trás de um jantar dos chefs do restaurante “O Urso” com outros chefs de grande renome na história. No capítulo, a maioria dos personagens do núcleo principal estão presentes na celebração do restaurante da chef Andrea, interpretada por Olivia Colman, que será fechado. Esse episódio não foi alvo de muitas críticas negativas, como visto anteriormente, mas ele leva os personagens ao final da temporada e fortalece as discussões sobre o fato de a história ter ou não se desenvolvido.

As cenas do episódio possuem uma duração comum em relação aos demais, visto que ele não troca de quadros em momentos rápidos, mas também não se desenvolve por uma única cena. Quantificando as informações recebidas pelo espectador, método trazido por Schellhardt (2008) para entender o ritmo narrativo, salienta-se que o episódio final da temporada traz revelações e coloca os personagens em muitos dilemas, além de fechar outros arcos abertos na temporada. Carmy encontra seu antigo mentor no jantar e se prepara para finalmente conseguir respondê-lo à altura,

e Sydney não consegue tomar uma decisão quanto a aceitar ou não uma proposta de emprego que recebeu e abandonar o “O Urso”.

Durante o diálogo de Carmy e seu antigo mentor, o protagonista diz que ainda pensa no antigo chefe, deixando claro que sua vida foi marcada pela forma como havia sido tratado. O mentor responde, porém, que não pensa em Carmy, o que coloca o chef em uma situação de espiral e quase surto, ao perceber que a relação conturbada dos dois era importante apenas para um deles. Essa cena não coloca os dois personagens no mesmo quadro em momento algum, e sempre intercala a câmera entre um e outro, o que pode significar que os personagens nunca estiveram na mesma posição, nem mesmo na colocação de importância daquela relação.

Pela teoria de García e Martínez (2009), o episódio possui apenas um grande núcleo, visto que o jantar é a ambientação única do episódio (com exceção de poucos flashbacks rápidos e de uma cena do lado de fora do estabelecimento). Além disso, a grande trama do capítulo é sobre o jantar e sobre como aqueles encontros impactam os personagens importantes para a história, principalmente Carmy e Sydney, que possuem o destaque. Todos os personagens ali presentes eram partes do mesmo núcleo (núcleo do jantar), e as interações entre eles desenvolveram as histórias menores sem precisar separar partes do episódio para tal.

O tom, a tensão e o ritmo da conversa de Schellhardt (2008) podem dizer que, na abordagem do episódio, 1 - o tom é barulhento e animado, considerando o espaço do jantar e os constantes sorrisos dos personagens; 2 - a tensão é grande, principalmente no que se diz à raiva e à indecisão, sentimentos fortes em Carmy e Sydney respectivamente; e 3 - o ritmo da conversa é contínuo, visto que o silêncio é pouco utilizado nas cenas com dois ou mais personagens e os diálogos fluem quase sem interrupções. Para os dois protagonistas do episódio, essa construção de tensão é gradativa, visto que eles se prendem aos seus respectivos sentimentos com mais força à medida que o episódio vai passando e que o final da temporada vai chegando, resultando nas principais cenas do episódio para Carmy e Sydney, analisadas adiante.

De maneira distinta à do primeiro episódio, Para Sempre está de acordo às relações cronológicas de Reuter (2002), visto que o tempo é linear e que os flashbacks do episódio são rápidos e utilizados para mostrar lembranças dos personagens. Quanto às relações lógicas, parte das cenas não tem interação entre si por cobrirem diferentes personagens em diferentes diálogos, portanto, elas não estão todas ligadas intrinsecamente apesar de estarem sob a mesma ambientação. Se no primeiro episódio as relações hierárquicas não se aplicavam, isso muda nesse episódio: as cenas em que Carmy enfrenta seu antigo mentor e conversa com a chef Andrea e a cena final em que Sydney tem uma crise de ansiedade durante a festa de comemoração pós-jantar são muito importantes para a construção desses personagens e para as histórias deles a partir desses pontos. No decorrer do episódio, as demais cenas em que os personagens conversam entre si sobre assuntos triviais dão corpo às personalidades deles, mas não possuem a mesma importância das cenas previamente citadas.

Na construção do núcleo do episódio, ele finaliza a temporada colocando Carmy em uma trama cíclica de transformação: a conversa com Andrea mostra a disparidade de prioridades dos personagens, e a relação do protagonista com Sydney está cada vez pior. Além disso, ele está começando a tratar os outros chefs de seu restaurante com indiferença - a um passo de se tornar igual ao antigo chefe e mentor. Em contrapartida, a trama de Sydney é justamente a de se libertar ou não disso e de ir atrás de ter seu trabalho reconhecido, algo que ela não sente trabalhando com Carmy. Portanto, pode-se

colocar que eles foram os dois personagens que mais mudaram durante a temporada, visando um possível co-protagonismo igual na continuação da série - o que faz com que Sydney tenha uma nova pré-designação convencional como uma das protagonistas da obra. Richie está se aproximando do novo parceiro da ex-esposa e começando a aceitar melhor a relação dele com a enteada; Natalie entendeu mais sobre sua mãe e agora tem o próprio filho; Marcus está aos poucos se curando e aprendendo a carregar o luto pela morte da mãe; e Tina mantém seu carinho e esforço pelo sucesso do restaurante (a temporada desenvolveu a personagem através de flashbacks).

No primeiro e último capítulo da temporada, existem construções narrativas muito diferentes, mas que dividiram o público de uma mesma maneira. Essas diferenças, não só entre episódios do novo ano, mas também em relação ao restante da série, prova os novos episódios como experimentais nos aspectos de desenvolvimento dos personagens, construção do ritmo narrativo e escolhas de cinematografia. Além disso, a maneira como o público lidou com os arcos dos personagens e como as pessoas que produziram a temporada conduziram essas vidas fictícias também trabalha o íntimo humano: a terceira temporada de “O Urso”, então, possui uma abordagem intimista.

8. Discussão: O Ritmo Contemplativo e a Cultura da Expectativa

A controvérsia em torno da terceira temporada de “O Urso” pode ser compreendida a partir de um conflito entre expectativas narrativas convencionais e a proposta estética da série. Em um ecossistema audiovisual cada vez mais pautado por aceleração narrativa, suspense constante e entregas rápidas de enredo, a temporada 3 propõe o oposto: dilatação do tempo, foco no cotidiano, aprofundamento introspectivo e descontinuidade dramática.

Essa escolha de ritmo opera como uma resistência à lógica dominante das plataformas de streaming, que privilegiam obras com engajamento imediato e “maratonabilidade”. Em “O Urso”, o tempo narrativo não serve apenas à progressão de trama, mas também à representação simbólica do estado psíquico dos personagens. Carmy, por exemplo, vive um momento de paralisação emocional, e essa inércia se traduz formalmente pela ausência de eventos significativos, pausas longas entre diálogos, e cenas contemplativas. Um personagem limpando o balcão ou observando em silêncio os colegas de trabalho torna-se, em “O Urso”, um momento de revelação interna. O drama migra do externo para o microscópico, como nos episódios que exploram o preparo detalhado de um prato ou a tensão não verbal entre colegas.

Além disso, a estrutura fragmentada, por vezes não linear, com múltiplos flashbacks e sobreposição de tempos, intensifica essa sensação de estagnação. O espectador não sabe mais onde está no tempo da série, o que aumenta a imersão subjetiva no ponto de vista dos personagens – particularmente de Carmy. A montagem, assim, desempenha papel fundamental na criação do ritmo: planos longos, alternância entre imagens fixas e dinâmicas, e a ausência de trilha em momentos-chave forçam o espectador a permanecer no desconforto da espera.

Esse modelo narrativo desafia a lógica da “atenção recompensada”. O episódio “Amanhã”, por exemplo, não oferece nenhum conflito resolvido ou arco claro de evolução. No entanto, para parte da crítica e do público, há ali uma proposta de “realismo afetivo”, que valoriza as hesitações, o não-dito e as repetições como estratégias que aproximam a dramaturgia da experiência humana real.

Essa abordagem também pode ser lida como uma crítica metalinguística ao próprio ambiente gastronômico retratado. A busca por perfeição, a pressão do tempo e a

impossibilidade de controle total são temas que ecoam na estrutura narrativa: assim como *Army* tenta controlar cada detalhe da cozinha, os episódios buscam um ritmo “perfeito”, mas acabam, propositalmente, falhando em corresponder às normas tradicionais de *storytelling*.

Em última análise, o ritmo contemplativo da terceira temporada é tanto forma quanto conteúdo: ele expressa o caos interno dos personagens, convida à pausa reflexiva e propõe um novo tipo de relação com a obra – menos imediatista, mais imersiva e emocionalmente exigente.

9. Considerações Finais

A terceira temporada de “O Urso” representa um experimento formal no ritmo narrativo das séries contemporâneas. Embora tenha gerado controvérsias, a temporada demonstra uma proposta estética sólida, ancorada em uma construção emocional minuciosa dos personagens e uma montagem que prioriza atmosfera e sensibilidade. Ao identificar os principais pontos de crítica e relacioná-los às estratégias narrativas utilizadas, este artigo conclui que o ritmo, longe de ser um erro de execução, é uma escolha estética alinhada à proposta da série. A compreensão crítica do ritmo narrativo torna-se essencial para a leitura aprofundada de obras audiovisuais atuais. O presente artigo, ao condensar os elementos do trabalho de conclusão de curso original, procura preservar a complexidade da obra analisada, destacando suas nuances técnicas, teóricas e culturais. A análise aqui proposta pode ser expandida em futuras pesquisas que investiguem o impacto da lentidão narrativa na recepção de diferentes gêneros televisivos.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. Introduction à l'analyse structurale des récits (1966), em R. Barthes e outros, Poétique du récit, Paris, Le Seuil, 1977.

BOSCOV, Isabela. “O Urso” 3ª temporada: lamento, chef, mas a receita desandou. YouTube, 2024. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=hsP31-8ZACM&ab_channel=IsabelaBoscov>.

CONSUMO de vídeo bate recorde no Brasil. Kantar IBOPE Media, 2021. Disponível em:
<<https://kantariibopemedia.com/conteudo/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/>>. Acesso em: 23 set. 2024.

GARCÍA, Francisco García a; MARTÍNEZ, Pedro Javier Gómez. Narrativa televisiva: o ritmo na ficção audiovisual das séries de televisão. Madrid: Universidad Complutense, 2009.

HAMON, Philippe. Pour un statut sémiologique du personnage, Littérature, no 6, 1972; artigo reeditado em R. Barthes e outros, Poétique du récit, Paris, Le Seuil, 1977.

MANÍACOS, Série. O Urso Temporada 3: Um banquete em 10 passos. YouTube, 2024. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tQZC8RET5dE&ab_channel=S%C3%A9rieMan%C3%ADacos>.

MIGAS, Entre. The Bear (O Urso): A 3ª e pior temporada | Análise Honesta. YouTube, 2024. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ujV5AGdnx6Q&t=1160s&ab_channel=EntreMigas>.

REUTER, Yves. A análise da narrativa. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2002.

SCHELLHARDT, Laura. Screenwriting for Dummies, ISBN 978-0-470-34540-5 2ª ed., Hoboken: Wiley, 2008.

THE Bear, EUA, 2022-hoje. Criação: Christopher Storer.

UM ano depois do início da pandemia, plataformas de streaming contabilizam ganhos. Forbes Brasil, 2021. Disponível em:
<<https://forbes.com.br/forbes-money/2021/03/um-ano-depois-do-inicio-da-pandemia-plataformas-de-streaming-contabilizam-ganhos/>>. Acesso em: 23 set. 2024.